



TEOLOGIA DA TRINCHEIRA

REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES
SOBRE O INDIVÍDUO,
A SOCIEDADE E O
CRISTIANISMO

ANTÔNIO CARLOS COSTA



ANTÔNIO CARLOS COSTA

TEOLOGIA DA TRINCHEIRA

REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES SOBRE O
INDIVÍDUO, A SOCIEDADE E O CRISTIANISMO



mundocristão
São Paulo

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Apresentação</i>	13
<i>Prefácio</i>	16
<i>Introdução</i>	19
1. Teologia da alma	23
2. Teologia da santificação	61
3. Teologia da missão	93
4. Teologia da razão	125
5. Teologia da <i>polis</i>	157
<i>Conclusão</i>	185
<i>Notas</i>	187
<i>Sobre o autor</i>	189

Apresentação

O teólogo britânico John Stott disse certa vez: “É impossível ser verdadeiramente convertido a Deus sem ser, por meio disso, convertido ao próximo”. Essa afirmação resume com bastante propriedade a vida e a obra de Antônio Carlos Costa. Esse surfista, filho de policial, vivia para si e seus interesses até ser convertido ao cristianismo e, assim, passar a viver para Deus. À conversão seguiu-se a vocação, e Antônio tornou-se pastor presbiteriano. À vocação seguiu-se a convulsão: o contato com a miséria, a injustiça social, a violência, as lágrimas e a desgraça do ser humano convulsionou a tal ponto a cosmovisão e a teologia de Antônio que ele se viu arrastado para um tipo de cristianismo diferente do que vivera até então — aquele que olha para o próximo e sua dor e é incapaz de manter-se indiferente ou apenas restrito ao campo das palavras, sem atitudes.

Nascia o ativista. E, com ele, a Rio de Paz, ONG dedicada aos direitos humanos, à justiça social e ao exercício do amor, sem o qual Stott afirma que “a personalidade humana se desintegra e morre”. A vida de Antônio nunca mais seria a mesma.

Hoje, Antônio Carlos Costa é um indivíduo singular no cenário brasileiro. Pastor, raramente é visto de toga,

colarinho clerical ou terno e gravata, mas frequentemente pode ser encontrado de *jeans* e sapatos sujos da lama da favela. Calvinista convicto, recusa-se a coadunar com o calvinismo que vira a face ao que Calvino escreveu sobre justiça social. Presbiteriano, prega em igrejas das mais variadas denominações e linhas doutrinárias, a fim de levar, sem restrições, a mensagem do evangelho em que acredita. Cristão, foge com todas as forças de rótulos político-ideológicos como “marxista”, “neoliberal”, “de esquerda” e “de direita”, buscando um posicionamento pouco compreendido por uma sociedade apaixonada por rótulos, facções e dissensões. Ativista, confessa-se incapaz de enxergar a luta pela dignidade humana dissociada do evangelho que ama, seguindo o pensamento de Stott: “Os seres humanos se tornam mais dignos quando estão adorando a Deus”.

Muitos discordam das ideias e ações de Antônio; outros tantos tiveram o pensamento e a vida transformados por elas. Muitos o rotulam e desqualificam; outros compreendem sua luta e o admiram. Seja como for, é impossível ter contato com a paixão desse homem e sair impassível. Se, por um lado, a ação e a pregação de Antônio incomodam alguns, por outro a sua convulsão mostra ser contagiosa: por onde ele passa e prega, deixa pelo caminho convertidos ao tipo de cristianismo que enxerga o Cristo, acima de tudo, no carente e necessitado.

O primeiro livro de Antônio Carlos Costa pela Editora Mundo Cristão, *Convulsão protestante*, impactou multidões — literalmente. Nos eventos que se seguiram ao lançamento da obra pelo Brasil afora, foi possível ver gente de olhos molhados, relatando como sua visão de mundo, reino e vida fora transformada pelo testemunho do pastor-ativista. Quando se escuta atentamente o que essas pessoas

dizem, fica claro que, mais do que a influência de um homem, o que as impactou foi a forma como ele vê o Cristo e a proposta do Cristo para a humanidade e a igreja. Confirma-se, assim, outra máxima de Stott: “Testemunho não é sinônimo de autobiografia. Quando estamos realmente testemunhando, não falamos de nós mesmos, mas de Cristo”.

Por que mencionar tanto John Stott? Porque Antônio o considera sua maior influência dentre os pensadores cristãos. O teólogo britânico partiu deste mundo sem saber quanto seus livros influenciaram a vida do discípulo brasileiro, mas penso que não seria exagero dizer que, sem a influência dos escritos de Stott, o Antônio Carlos Costa que conhecemos hoje não existiria. Este é o poder dos livros: eles transformam cosmovisões e trajetórias. Convulsionam vidas. Quando um cristão apaixonado pela causa do evangelho não só a vive intensamente, mas põe no papel suas motivações para vivê-la como a vive, o resultado são milhares de leitores tocados e para sempre transformados.

O desejo da Mundo Cristão é que este livro promova em você o que os livros de Stott promoveram em Antônio: uma reflexão que, se positiva, leve à transformação e à ação. E, quem sabe, após a leitura desta obra, nasçam novos *Antônios* pelo Brasil afora, dispostos a dedicar a vida apaixonadamente a Cristo e ao próximo, cumprindo, assim, o maior de todos os mandamentos: *amar*.

Boa leitura!

MAURÍCIO ZÁGARI
Editor

Prefácio

Era uma tarde fria e escura de inverno. Eu e Thiago, meu filho, fomos à ótica para buscar seu primeiro par de óculos. No retorno para casa, a primeira surpresa, ao chegar à estação de metrô. Thiago disse: “Pai, aqui é muito colorido!”. Ele se referia às muitas propagandas espalhadas por toda a extensão da plataforma de embarque, algo que sempre estivera ali, mas que ele não percebera. Chegamos à nossa estação, subimos até a rua e, ao atravessar um parque, ele começou a indicar os muitos detalhes que nunca havia visto e que, então, ele conseguia visualizar. O que ele apontava sempre estivera ali, mas agora seus olhos tinham sido abertos para uma nova realidade. O mesmo acontece conosco. Quantas coisas estão diante de nós e nossos olhos simplesmente não percebem? O caminho pode ser “conhecido”, mas a familiaridade não nos assegura uma percepção adequada do cenário ao redor.

As Escrituras Sagradas destacam dois momentos especiais em que “os olhos foram abertos”. O primeiro está descrito em Gênesis, quando Adão e Eva comem do fruto proibido: seus olhos se abrem para a realidade do afastamento de Deus e, assim, eles percebem que estão nus. Outro momento em que olhos são abertos está descrito em Lucas, quando o

texto narra o encontro de Jesus com os discípulos no caminho de Emaús. Eles estão triste, pois aquele que eles criam ser o resgatador de Israel havia sido crucificado e morto. A tristeza cobria seus olhos e nublava sua perspectiva de vida. Tendo caminhado com Jesus, sem conseguir identificá-lo, eles o convidam para se hospedar com eles. À mesa, ao ver o Senhor tomar o pão, abençoá-lo, parti-lo e lhes entregar um pedaço, seus olhos são abertos e, enfim, o reconhecem.

Em Gênesis, os olhos se abrem num momento de rebelião e a morte encontra o seu marco inicial entre nós. Toda a criação submete-se à realidade do momento. Em Lucas vemos outra realidade, na descrição da primeira refeição da nova criação: os olhos são abertos para reconhecer o Senhor que venceu a morte e destruiu a maldição do Éden. É o Senhor ressuscitado, sinal do novo mundo, da esperança de novos céu e terra. A experiência faz com que os discípulos voltem para Jerusalém, passando por um caminho conhecido mas visto, então, sob nova perspectiva.

Tive o privilégio de me tornar amigo de Antônio Carlos Costa logo após sua conversão, no início da década de 1980. Éramos jovens em busca de um rumo para nossa vida. Ver o amor daquele surfista pelo evangelho e por Jesus era empolgante e encantador. Nossas conversas eram regadas por duas paixões, que compartilhamos desde então: o amor pelos livros e o desejo de pôr em prática o que descobríamos como realidades imperiosas das boas-novas de Cristo. As experiências compartilhadas nos levavam do riso às lágrimas discretas, dada a característica de nosso ímpeto juvenil, muito bem intencionado, mas pouco experiente, em nossa forma de participar da *missio Dei*.

A obediência missionária nos levou a lugares distintos, privando-nos da íntima companhia e de maior proximidade. Isso, contudo, nunca me impediu de ter acesso às

notícias sobre como aquele surfista apaixonado por Jesus encontrou caminhos variados para expressar o amor que lhe tinha aberto os olhos de tal maneira que sua vida nunca mais poderia ser igual. Tempos depois, para minha alegria, nos reencontramos, e o que pude ver é que, assim como os discípulos no caminho de Emaús, o coração de Antônio seguia ardendo e seus olhos brilhando pela riqueza do evangelho de Jesus. Ao ouvi-lo facilmente se percebe como ele se dedica a criar oportunidades para que, por todos os meios possíveis, outros olhos se abram.

Foi essa a sensação que tive ao ler esta magnífica obra. A leitura provocou em mim um aprofundamento no processo de seguir abrindo os meus olhos para as riquezas do evangelho, começando pelo que há de mais profundo em mim (a teologia da alma); passando por uma forma íntegra de viver (a teologia da santificação), de agir (a teologia da missão) e de pensar (a teologia da razão); chegando até a dimensão pública da fé (a teologia da *polis*).

Agora que você tem este livro em mãos, minha oração é que, pela bondade e misericórdia do Pai, com o auxílio do Espírito Santo e para a glória de Jesus Cristo, os seus olhos sejam abertos, a sua percepção da realidade seja ampliada e a esperança aqueça o seu coração e faça brilhar o seu olhar, aonde quer que o Senhor o conduza.

Um simples objeto permitiu uma visão melhor a meu filho. Gestos simples permitiram aos discípulos reconhecer o Senhor. Que estas simples palavras, no poder do Senhor Jesus, abram os seus olhos.

Uma boa e abençoada leitura!

ZIEL MACHADO

Pastor da Igreja Metodista-Livre Nikei e diretor acadêmico do Seminário Servo de Cristo, em São Paulo (SP)

Introdução

Esse livro foi escrito em meio ao furacão que passou pela minha vida a partir de 2007. Outubro de 1982 foi a época da minha decisão consciente de me tornar cristão, seguida da opção imediata por dedicar-me completamente à divulgação da mensagem do cristianismo. Larguei a ideia de ser jornalista e assumi o compromisso de me tornar pastor. Entre 1982 e 2007, procurei me dedicar quase exclusivamente ao estudo da fé cristã e à sua proclamação. Mergulhei na teologia reformada e saí para plantar igrejas, fundar seminário teológico, pregar pela televisão, formar pastores, escrever livros e muito mais.

Mas, em 2007, meu ministério sofreu uma guinada radical: profundamente abalado pela injustiça e pelos desmandos de um mundo marcado pela desigualdade, passei a me dedicar ao ativismo em prol da justiça social, partindo para o *front* da guerra por uma sociedade mais humana. Foi quando fundei a ONG Rio de Paz, o que me levou a sair do templo e ter contato com um mundo que eu desconhecia. Desde a manifestação em que fincamos cruzeiros na areia da praia de Copacabana para protestar contra a letalidade no Rio de Janeiro, minha vida passou por mudanças que eu jamais imaginaria. Nunca pensei que vivenciar o cristianismo

fosse me envolver em tantos problemas, fazer-me passar por tamanhas aflições e exigir de mim uma dose de coragem muito além do que eu poderia cogitar.

Conforme expus no livro *Convulsão protestante*,¹ passei a ter contato com entidades e realidades tão distintas como a de meios de comunicação, favelas, tráfico de drogas, polícia, parentes de vítimas de violência, pesquisadores, universidades, movimentos sociais e política. Isso me forçou a ler bem menos teologia e me concentrar mais em temas como segurança pública, direitos humanos, controle social, política, sociologia, antropologia, história e jornalismo. Passei a conhecer a realidade do diálogo pluralista. Tive de encarar dilemas éticos sobre os quais jamais havia pensado. Os anos de imersão na teologia reformada foram terrivelmente confrontados. Ancorado na fé da qual não abri mão, tive de responder a questionamentos sobre temas diferentes, vindos dos mais variados tipos de pessoas.

Passei a me envolver profundamente com as redes sociais. Centenas de artigos foram redigidos nesse período. Era eu chegar da favela, do enterro de alguém que havia sido assassinado, de uma manifestação pública ou da igreja e já me sentava em frente ao computador para escrever, tanto para cristãos quanto para não cristãos. Meus artigos começaram a ser publicados em *websites* e jornais de grande circulação no Brasil. Acabei tornando-me jornalista.

Membros de diferentes denominações evangélicas passaram a esperar que eu me posicionasse sobre os mais variados assuntos. Boatos sobre minhas preferências políticas, ideológicas e teológicas começaram a surgir, e eu me sentia mal compreendido. Minha adesão à fé reformada me impedia de fechar com as leituras da realidade feitas pela esquerda e pela direita, pois, a meu ver, nenhuma delas

interpretava corretamente o mundo — muito menos oferecia soluções exequíveis. Curiosamente, o calvinismo me fazia ser visto pelas pessoas como progressista e conservador, direitista e esquerdista, pacifista e anarquista — tudo ao mesmo tempo. Penso que é da natureza da fé, dada a amplitude de pensamento do evangelho, que o cristão seja objeto de contradição. O cristão é indomesticável, teimoso, e vê tudo como camisa de força, exceto a revelação de Deus em Cristo.

Comecei a viver o universo do ativismo, sem abrir mão do ministério pastoral. Continuei a pregar regularmente na igreja local, a Igreja Presbiteriana da Barra, e a viajar pelo país a fim de ministrar nas mais diferentes denominações evangélicas. O Rio de Paz abriu portas dentro e fora da igreja de forma surpreendente. Meu calvinismo se vê forçado a conversar com todos e sobre quase tudo, no templo e na rua.

Na mesma época, tornei-me pai pela terceira vez, quase vinte anos depois do nascimento de meu filho Matheus. Minhas emoções passaram a ir do inferno do mundo do crime ao céu do sorriso de Alyssa.

Esta obra é, portanto, fruto desses anos de pressão vinda de todos os lados, por dentro e por fora, nos quais provei da fidelidade divina e da solidariedade humana; sofri muitas tentações; entrei em contato com minha miséria; vivi lutas na família por causa da minha ausência; tive explosões de raiva, choro e melancolia; enfrentei crises de desesperança; e experimentei decepções.

Este livro foi escrito na trincheira. Seu conteúdo toma por base reflexões e artigos que escrevi, agrupados por temas e revisados — e que são mais atuais do que nunca. Meu desejo é que este mosaico de ponderações, desabafos

e afirmações contribua, cada pedaço individualmente e na soma das partes, para levá-lo a uma saudável reflexão — e provocá-lo à ação.

O que você verá ao longo das páginas seguintes é fruto da tentativa de um cristão calvinista de levar a fé que julga expressar o pensamento de Jesus Cristo às últimas implicações práticas, nas mais diferentes áreas da vida. Espero que esta obra o ajude a viver uma saudável e profunda convulsão!